

Trabalhos Científicos

Título: Óbitos Por Malformações Cardíacas Congênitas Em Crianças De 0 A 1 Ano De Idade Na Região Sudeste De 2019 A 2022: Uma Análise Epidemiológica

Autores: VITÓRIA FERREIRA LAURENÇO (UVV), MARIA LUIZA PEREIRA ALEXANDRE (UVV), JULIA RODRIGUES ARAUJO (UVV)

Resumo: Entre as malformações congênitas, os defeitos cardíacos são o tipo de anomalia mais comum, estando associados à alta morbidade e mortalidade perinatal a longo prazo. O coração humano está completamente formado em 4 semanas de gestação, e suas estruturas se desenvolvem em uma sequência temporal bem definida. Distúrbios nessa sincronia levam à ocorrência de malformações cardíacas congênitas. Quando presentes, essas malformações podem gerar comorbidades extracardíacas, como dificuldades de alimentação e deglutição, além de impactos no neurodesenvolvimento cerebral na infância. Elucidar os dados epidemiológicos sobre a ocorrência de óbitos por malformações cardíacas congênitas em crianças entre 0 e 1 ano de idade na região Sudeste, no período de 2019 a 2022. Trata-se de um estudo ecológico, quantitativo e descritivo com dados epidemiológicos de óbitos por malformações cardíacas congênitas em crianças entre 0 e 1 ano de idade, na região Sudeste, no período de 2019 a 2022. Os dados foram coletados e analisados por sexo (masculino e feminino) e foram fornecidos pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Departamento de Informática do SUS (DATASUS). Os dados obtidos foram organizados e tabulados para análise. No período, foram identificados 3.762 óbitos por malformações cardíacas congênitas na faixa etária de 0 a 1 ano, sendo o ano de 2019 o que registrou mais óbitos, com 1.068 casos. No entanto, percebe-se que ao longo dos anos não houve uma queda considerável. Dos quatro estados que compõem a região Sudeste, São Paulo foi o que mais notificou óbitos pela causa, totalizando 1.962 óbitos (52,2%), enquanto o estado com menor notificação foi o Espírito Santo, com 193 casos (5,1%). Quanto à faixa etária, houve mais notificações em crianças de 28 a 364 dias em todos os estados analisados, totalizando 1.842 casos (48,9%). Em relação ao sexo, apesar da diferença não ser significativa, foram notificadas mais mortes do sexo masculino nos quatro estados da região Sudeste, com 2.002 óbitos (53,2%) em comparação ao sexo feminino, com 1.749 óbitos (46,4%). Portanto, pode-se concluir que o ano de 2019 registrou o maior número de óbitos por malformações congênitas cardíacas, com São Paulo sendo o estado com maior notificação de óbitos infantis por essa condição no período de 2019 a 2022. A faixa etária mais acometida foi de 28 a 354 dias, com maior incidência no sexo masculino. Esses achados destacam a importância de um diagnóstico precoce, seja no pré-natal ou ao nascimento, além da necessidade de uma estruturação adequada dos leitos de unidade de terapia intensiva para o tratamento precoce e adequado dos recém-nascidos com cardiopatias congênitas, visando a redução da mortalidade infantil por malformações congênitas.